

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A PRESENÇA DO AFETO E DA VIOLÊNCIA NO CONTO DE UM BRAVO SOLDADO

Ana Cláudia Vieira de Oliveira (UNISUAM)

aninha.vieira@hotmail.com

**O amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
(Camões)**

O AUTOR

Hans Christian Andersen, autor nascido na Dinamarca em 1805 e falecido em 1875, originou de família humilde. Enquanto sua mãe era lavadeira e supersticiosa, seu pai, sapateiro, era um homem culto e grande leitor. O menino foi criado entre dois mundos diferentes: o da literatura e o da crença popular. Daí resultou a sabedoria mesclada ao misticismo observado em seus contos. Provou o amargo da vida ainda criança com a escassez de recursos financeiros de sua família. E como num conto de fadas, ainda em vida, alcançou fama e história, sendo considerado mestre das narrativas infanto-juvenis. As dificuldades financeiras não impediram Andersen de frequentar às escolas, não as formais, mas instituições voltadas para a classe pobre.

Andersen perdeu muito cedo seu pai, tinha apenas onze anos, e logo seguiu caminho trabalhando em teatro. As dificuldades aumentaram, mas o jovem não desistiu, ainda que a fome e a penúria o tenham acompanhado. Persistente como um bravo soldado, foi levado pela força do destino, quando conheceu Jonas Collin, diretor teatral, que financiou seus estudos. O conto de fadas aconteceu! Mesmo sendo rechaçado pela classe, por ser mais velho que os demais, tão logo obteve seu diploma, começou a fazer parte do mundo intelectual.

Em 1835 iniciou a série de publicações voltadas para as crianças. A partir deste momento, se tornou um filão desse gênero literário, lançando a cada ano, nos Natais, livros destinados ao público infantil.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé, dos valores populares, dos ideais de fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. (COELHO, 2003, p. 24).

O grande diferencial das narrativas de Andersen foi além de recolher e adaptar as histórias da memória popular, como fizeram escritores anteriores a ele, ter se lançado como inventor de novos contos.

A crer em sua biografia, Hans Christian Andersen era um grande contador de histórias: amava inventá-las para as crianças com quem convivia, e depois as escrevia para publicação na imprensa ou em livro. Tivesse ele *se limitado a apenas contar* tais histórias ao seu pequeno auditório fascinado e o mundo não teria conhecido a grande literatura infantil por ele criada e, hoje, universalmente celebrada. (COELHO, 2000, p. 66).

Dessa forma ele deu continuidade ao acervo infanto-juvenil. Com contos recheados de ideais sensíveis e românticos, Andersen trata ao mesmo tempo do cotidiano e do maravilhoso, bem como apresenta questões de afeto e violência. Segundo Coelho, o maravilhoso já era observado desde há muito tempo.

No início dos tempos, o maravilhoso foi a fonte misteriosa e privilegiada de onde nasceu a literatura. Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais: deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com as forças do Bem e do Mal, personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. (COELHO, 2000, p. 172)

Observa-se em seus contos um tom melancólico e por vezes triste marcando os reveses em que viveu o autor, bem como diferenças, injustiças e desventuras sociais, além de finais nem sempre felizes. Mas isso não impediu o sucesso entre os leitores de todas as idades. Suas histórias mostram de uma forma muito evidente as fraquezas dos seres humanos, mas também expressam um ideal cristão, ou seja, “viver resignadamente os próprios limites ou sofrimentos, na certeza de que, no fim, haverá a recompensa da vida eterna no céu”. (PORTO, 2006, p. 47).

E nesse contexto segue o conto *O soldadinho de chumbo*.

1. O conto

O soldadinho de chumbo é um conto marcado pela persistência do amor configurado no arquétipo de um bravo soldado. Presenteados a um menino, vinte cinco soldadinhos de chumbo, irmãos, nascidos de um pedaço de cano velho, ostentando um uniforme vermelho e azul e de espingarda em punho, são colocados sobre a mesa. Lado a lado, todos de pé, eis que se pode observar uma pequena diferença entre um deles: por ter sido fundido por último, quando o chumbo já estava acabando, apresentava uma perna somente. Mas tão valente estava que não inspirava o menor dó. Podemos observar, então, a questão levantada por Andersen a respeito da diferença entre os demais de sua espécie, nesse caso, entre os outros soldados. Ainda que numa perna só ficasse tão bem quanto os outros nas duas. Resalto que a perna simboliza a marcha, o vínculo social, permite aproximações, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 710).

Enfileirados sobre a mesa os soldadinhos podiam ver um esplêndido castelo de papel. Alguns adornos se faziam presentes na frente tão imperioso lugar, “mas o que mais encantava era uma senhorita que assomava à porta” (ANDERSEN, 1978, p. 153). Foi através dessa visão que o soldadinho se apaixonou. A bailarina estava com os braços estendidos e uma das pernas levantadas. Ele, então, acreditou que a moça só tivesse uma perna e entendeu ser ela a mulher ideal para um soldado de uma perna também. “A postura de balé, com uma perna levantada, o faz pensar que ela é como ele. Talvez busquemos, para nos apaixonar, pessoas iguais a nós” (Ferrer, 2001, p. 126). Com isso, impede-se que o outro seja ele próprio. A bailarina estava diante de um castelo, portanto, para ele, ela seria uma aristocrata. E nem mesmo essa diferença social inibiu os sentimentos do soldado. Aqui o autor faz uma crítica à diferença de classe, tão marcada em sua própria vida. Um simples soldado de chumbo tentando travar relações com uma nobre bailarina.

O maravilhoso é marcado nesse conto através dos brinquedos, já que à noite, eles saíam para brincar de visitas, de guerra e de baile: “O conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa” (Todorov, 2007, p. 60). Apenas o soldado e a bailarina permaneciam em seus lugares, sem se mexerem. Os sentimentos do soldado foram

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

aumentando e ele, então, fixou seu olhar na moça o tempo todo. É a ação das personagens que responde pela natureza do maravilhoso, segundo Propp (2006).

Quando o relógio bateu, à meia-noite, hora da passagem para outro dia e segundo Chevalier e Gheerbrant, “ponto de intensidade máxima... a iniciação nos mistérios...” (2009, p. 602), um duende saltou da caixa de rapé. O misterioso ser negro viu que o soldadinho estava de olhos na bailarina e de forma violenta censurou-o dizendo que ele não devia olhar a moça para, em seguida, lançar uma ameaça: “– Espera só até amanhã, que vais ver uma coisa!” (Andersen, 1978, p. 154).

Nesse conto a figura do mal está relacionada ao duende, embora se trate de mais uma das figuras frequentes nos contos maravilhosos.

Destino, determinismo, fado... são presenças constantes nas histórias maravilhosas, onde tudo parece determinado a acontecer, como uma fatalidade a que ninguém pode escapar. Muitos são os aspectos que essa fatalidade pode assumir: o de uma bruxa, de estrelas, de ‘voz não identificada’, anjo do céu, feiticeiras... (COELHO, 2000, p. 178).

A partir desse momento, iniciam-se os reveses na vida do bravo soldado. Por obra do destino, ou do duende, o soldadinho caiu da janela do terceiro andar, por causa de uma corrente de ar. Ainda que a criada e o menino tenham-no procurado, chegando quase a pisá-lo, o valente soldado não pediu ajuda. Para ele não ficava nada bem um soldado fardado gritar. Para ele não ficava nada bem um soldado fardado gritar, explicitando-se aqui o quanto engessado o ser humano fica diante de uma farda ou de uma profissão, ainda que a vida esteja em risco.

Necessitava de ajuda e não a pediu. Sabia que, com um grito, o escutariam, mas não quis gritar. Não era adequado. E, de fato, ele acreditou que seria impróprio para um soldado. (FERRER, 2001, p. 123).

Uma chuva torrencial caiu, marcando ainda mais os tormentos do soldado. Ao abrandar tal enxurrada, ele é levado por um barquinho de papel feito por dois garotos. Mantendo-se com bravura, de fuzil ao ombro, o soldado se preocupou, pois não sabia onde ia parar. De repente o barco entrou num bueiro escuro. Recordou-se da bailarina “Se a bailarina estivesse aqui no barco, aí, sim, podia ser duas

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

vezes mais escuro” (ANDERSEN, 1978, p. 154). O amor do bravo soldado persistiu e foi esse amor que o tornou firme.

As dificuldades do valente soldadinho não terminaram. Um grande rato de esgoto, de maneira rude e agressiva pediu passaporte do soldado, e gritou, rangeu os dentes dizendo que ele devia parar o barco. Sempre valente o soldado não se intimidou, segurou com mais força o fuzil, e seguiu o caminho que o destino traçou para ele. A correnteza aumentou, e por um momento o soldado viu a luz do dia. A esperança voltou. Mas no final do bueiro, a sarjeta se dirigia para um grande canal. O barco avançou e ia afundar. Ainda assim, o soldado permanecia rijo. O barco de papel foi se desfazendo e o soldadinho afundando, quando foi engolido por um enorme peixe: “símbolo das águas, cavalgada de *Varuna*, o peixe está associado ao nascimento ou à restauração cíclica... ele é ao mesmo tempo *Salvador* e instrumento da revelação” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 703), por isso entende-se que, nesse momento, o soldadinho tenha sido salvo das profundezas das águas, renascendo posteriormente.

Depois de muitos rodopios, o peixe foi fiscado, pescado e levado à cozinha. Lá a criada, ao abrir sua barriga com uma grande faca, encontrou o soldado, levou-o para a sala, já que todos queriam ver o “homem extraordinário, que viajara na barriga de um peixe” (ANDERSEN, 1978, p. 156). Pode-se observar que o soldado parte do coletivo, quando está em companhia dos outros vinte quatro soldadinhos, seus irmãos, para a individualidade, pois agora ele era o “homem extraordinário”, reconhecido por todos. Nada disso o fez orgulhoso. Por força do destino ou até mesmo forças estranhas ele estava de volta à mesma casa, para o seu verdadeiro amor, uma vez que “a intervenção mágica muitas vezes se identifica ou se confunde com a providência divina, com o milagre” (COELHO, 2000, p. 179). A felicidade voltou ao seu coração quando cruzou seu olhar ao da bailarina. Agora, ela também o fitava. A emoção contagiou os dois e o bravo soldado sentiu vontade de chorar lágrimas de chumbo. Mas nem mesmo tamanha emoção permitiria a um valente soldado de derramar tais lágrimas.

Nesta ocasião, uma das crianças pegou o soldadinho e o atirou ao fogo da lareira, sem motivo algum. No pensamento do solda-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

do, fora obra do duende, completando o ciclo de desventuras. As chamas o envolviam e o soldado sentiu um calor enorme, mas agora, tomado de amores pela moça, não conseguia saber se o fogo que o queimava era de fato o da lareira ou o do amor. Perdendo as cores, sem saber se de tristeza ou pelo o que se dera, ainda conseguiu olhar a bailarina. Derreteu-se. Quis o destino que a moça se unisse a ele.

Abriu-se então uma porta, o vento agarrou a bailarina, e ela voou como uma sílfide para dentro da lareira, para junto do soldadinho. Uma única chama se ergueu – e da moça nada restou. O soldadinho derreteu, transformando-se numa bolinha de chumbo, e quando, no dia seguinte, a criada tirou as cinzas, viu que a bolinha tinha a forma de um coraçãozinho de chumbo. Da bailarina só restava a lantejoula queimada, preta como carvão. (ANDERSEN, 1978, p. 156).

2. A presença do afeto e da violência no conto

A definição de afeto, segundo o dicionário Aurélio, é afeição, amizade, amor. Assim, de acordo com Bock e colaboradores,

Os afetos ajudam-nos a avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas ações ao meio. (1999, p. 193)

Violência diz respeito à qualidade de ser violento, ato violento ou de violentar, segundo o mesmo dicionário.

A violência tem muitas faces. (...) Condenamos a violência doméstica ao mesmo tempo em que reclamamos da falta de limites das novas gerações. Violência é uma palavra latina, derivada de vis, força, e nós a empregamos em um sem-número de sentidos: a força da natureza, do mar, do vento, dos elementos, a força física que obriga um ser humano a fazer o que não quer, a força social que mantém os oprimidos e explorados em seus lugares, a força moral, intelectual, que domina nossas mentes e nos faz achar nosso próprio mundo normal, muito normal. (GUARINELLO, 2007, p. 107)

Quando a bravura fala mais alto que o sentimento, o coração sofre, o corpo padece. Mesmo um “intrépido soldadinho de chumbo” termina se transformando ao se deparar com a força do destino!

O conto retrata uma comovente história a respeito da vida de uma personagem, recheado de símbolos e mensagens implícitas na

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

narrativa. Embora os reveses abalem as estruturas da vida violentamente, sempre há a esperança num futuro mais afetuoso. E esse é um conto marcado pela dualidade vida/morte, onde, para o soldadinho, o futuro estava em transcender a vida por amor à bailarina. Seguindo a árdua trajetória do brinquedo, afeto e violência se fazem presentes e interferem na consecução das aspirações traçadas pelo herói. É em nome do amor que o bravo soldado se torna invencível.

Ao examinar esse conto o leitor

pode se perguntar por que ficou tão profundamente comovido; e, respondendo ao que observa ser sua reação emocional, ruminando sobre os eventos míticos e os que significam para si, uma pessoa pode vir a tornar claros seus pensamentos e sentimentos (BETTELHEIM, 2007, p. 55)

Segundo Parreiras (2008, p. 104), tais condições se intensificam para os pequenos, já que a história pode apresentar também a possibilidade de reverter os impasses da vida experimentados pelo soldado:

Se, por um lado, a história está atravessada pela dualidade vida/morte, nas experiências vividas pelo boneco. Por outro lado, traz a possibilidade de recriação, de mudança, uma plástica para a condição do brinquedo, para a transformação dos conflitos das crianças. (PARREIRAS, 2008, p. 104)

Nessa história observamos a figura arquetípica de um soldado destemido, ainda que diferente daqueles que empreendem uma luta e saem vencedores dela na medida em que vão alterando os rumos da narrativa, e assim, o final da história. O tipo de herói observado nesse conto é aquele valente, que persiste bravo e corajoso diante de todas as dificuldades e obstáculos que vão surgindo em sua frente, pois sua natureza assim o permite: era feito de chumbo. Contudo, há nele certa passividade diante das intempéries que vão surgindo ao longo do caminho. O metal vai garantir-lhe forças para resistir às dificuldades e transcender a vida, se for preciso. Ele é tão corajoso que nem mesmo o fato de ter somente uma perna o faz menos destemido, ao contrário, permanece em equilíbrio sem se abalar, firme, a fim de alcançar o verdadeiro desejo: estar com a bailarina. O que o torna invencível é a sua firmeza, responsável, simultânea e antiteticamente, por sua rigidez:

Existem pessoas que não têm sorte na vida? Podem nascer alguns com estrela e outros estrelados? A história do “intrépido soldadinho de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

chumbo” nos ensina que é bem possível que as circunstâncias sejam adversas, mas nós temos a responsabilidade final. O destino é forjado por nós. É fruto de nossa vida. Os acontecimentos podem colocar-nos em cima num dado momento e, logo depois, embaixo. (FERRER, 2001, p. 119).

Dessa maneira, ele dribla as incertezas da vida, com coragem e determinação, já que o bravo soldado não empunha seu fuzil contra aqueles que o fazem sofrer. Sua luta está em permanecer vivo e se reencontrar com a bailarina. Nem mesmo a diferença de classe social o faz desistir daquela que para ele era uma aristocrata, enquanto ele um simples soldado de chumbo. Para isso vence os quatro elementos da vida: o ar, a água, a terra e o fogo, cumprindo assim o ciclo da vida. O chumbo “simboliza a matéria, enquanto está impregnada de força espiritual e a possibilidade das transmutações das propriedades de um corpo nas de outro, assim como das propriedades gerais da matéria em qualidades do espírito” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 234). Essa transformação acontece, quando, atirado ao fogo, o bravo soldado transforma-se em coração, simbolizando todo o seu amor. Percebe-se então que tal sentimento, o amor, é um casamento de almas, não importando assim o corpo físico, seja ele humano, de chumbo ou simplesmente de papel. Dessa forma, ele permite a passagem para outro mundo, o imaterial, reafirmando, portanto, que não há o fim da vida após a morte. Sobre essa reflexão Boff complementa que,

A morte não configura uma tragédia, mas uma bênção: a possibilidade de uma nova vida, mais densa e realmente plena. O importante não é o que deixa atrás de si, mas o que recebe e o que descortina diante de si. Morrer não significa perder a vida, mas ganhá-la mais perfeita e vigorosa. (2003, p. 20).

A fim de transmitir o ideal cristão, registrado em alguns contos de Andersen, o verdadeiro amor é encontrado no plano espiritual. Dessa forma, o soldado herói vence a luta, obtém a grande vitória, já que transcende a vida e a morte e se une ao seu verdadeiro amor.

Pode-se dizer que *ternura* humana e *violência* são os dois pólos entre os quais fluem as suas histórias. Poucos escritores conseguiram expressar, como Andersen, tanta ternura pelo mundo das crianças, dos animais, das plantas e dos objetos. Mas também raros, em histórias para crianças, tornaram a violência tão presente, tão dolorosa e irremediável, e, em grande parte, de natureza bem diferente da que existe nas histórias maravilhosas que o precederam. (COELHO, 1991, p. 152)

3. Conclusão

Pode-se dizer que afeto e violência são temas que sempre estiveram presentes dia-a-dia, encontrados largamente na literatura. Como pudemos observar neste trabalho, até mesmo o autor desse gênero literário, Andersen, no início de sua trajetória, sentiu a violência atravessando seu caminho. As responsabilidades que, ainda menino, teve de enfrentar estreitaram sua infância. O trabalho o esperava muito cedo. Mesmo assim, a determinação e “um toque de varinha de condão”, como nos contos de fadas, contribuíram para que esse escritor se tornasse um verdadeiro ícone em nossa Literatura!

Ao analisarmos o conto *O soldadinho de chumbo*, observamos que se trata de uma narrativa cercada por dois substantivos abstratos: afeto e violência. Vale lembrar ainda que o sacrifício da personagem principal, mediante os reveses da vida e a violência por que passou, foi amenizado devido ao amor, ou seja, o afeto sentido por sua amada, a bailarina. Na verdade, foi exatamente esse sentimento que o fortaleceu como também o tornou invencível. O desfecho da história marca os valores cristãos presentes nos contos do autor.

Como bom cristão, Andersen sugere a piedade e a resignação, para que o céu seja alcançado na eternidade. Curiosamente, pelo que registram os dados de sua biografia, vê-se que ele próprio não foi nunca um resignado e lutou sempre por seu “lugar ao sol”, a despeito dos obstáculos e das injustiças. (COELHO, 2003, p. 25)

Assim, a verdadeira felicidade e a plena realização do homem são evidenciadas após a morte, no plano espiritual. A sutileza do personagem, sua coragem e a determinação diante dos obstáculos da vida são características desse conto de Andersen. Essa é a marca dos contos do autor, revelando que a verdadeira vida não está no plano material, mas também mostrando que a felicidade existe, ainda que não seja por aqui, na terra. Um toque de passividade pode ser observado nesse conto, já que o herói da narrativa permanece com fuzil ao ombro durante toda história, sem nunca ter apontado a sua arma, o que evidencia certa fraqueza em enfrentar os inimigos.

Reparamos que a violência na classe social é outra marca dos contos do autor. Talvez porque Andersen tenha-a sentido na própria pele. Mas nem só de amargor vivem seus personagens. A esperança e a crença em algo maior levam o nobre soldado a acreditar no seu

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

amor. Assim, o afeto é sentimento constante nas narrativas de Andersen, e no conto *O soldadinho de chumbo*, esse sentimento é tão intenso e marcante! Passam-se os anos, porém a sutileza com que Andersen aborda temas opostos permanece. E estão, a cada dia, presentes em nosso mundo “moderno”.

Afinal, quando amamos, ou pelo menos, gostamos de algo ou alguém, tornamo-nos valentes e determinados, assim como o intrépido soldado. Dessa maneira, “nossa cruz fica mais leve”.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Andersen*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ANDERSEN, Hans Christian. *O persistente soldadinho de chumbo*. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BOCK, A. M. B. e colaboradores. *Psicologias – uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

_____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

FERRER, Miguel Angel Conesa. *Crescer como pessoa: um método simples de crescimento pessoal a partir dos contos de Andersen*. São Paulo: Paulinas, 2001.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 107-114, 2007.

On-line: disponível na Internet via:

http://juliano.multiculturas.com/textos/NGuarinello_violencia_espetaculo.pdf ou em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742007000100010&lng=en&nrm=iso Consultado em 24/08/08.

PARREIRAS, Ninfa. *O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Biruta, 2008.

PORTO, Cristina. *O soldadinho de chumbo*. São Paulo: Moderna, 2006.

PROPP, Vladimir. *A morfologia do conto maravilhoso*. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.